

Senadores lamentam ano melancólico

7 DEZ 1980
TRIBUNA DA IMPRENSA

BRASILIA — O líder da maioria no Senado, Jarbas Passarinho, sustentou ontem ao discursar na sessão de encerramento do ano legislativo, que as conquistas democráticas alcançadas pelo país não decorreram de "pressões irresistíveis" como pretendia o líder oposicionista, Paulo Brossard na mesma sessão. Passarinho preferiu admitir que houve "uma conjugação de forças, ao lado de uma capacidade de receptividade para atender às aspirações nacionais".

A sessão que durou quase quatro horas transformou-se num debate entre os líderes dos três partidos existentes no Senado, suscitando muitos apartes entre as bancadas. Em seu discurso, Paulo Brossard criticou o "modelo desmedulado e cruel", advertindo para a necessidade de profundas e corajosas reformulações em todos os setores, por entender que "o país já não pode continuar como está e que com essa gente que está aí, não pode a nação confiar". O líder do PMDB declarou que a oposição está pronta "para esse passo", e pediu que o governo "abra as suas portas e deixe que o povo tenha pelo menos, confiança em seus governantes". O líder do PP, Gilvan Rocha exigiu do governo "as regras do jogo para que se possa, dentro delas, discutir as alternativas para a crise nacional".

Gilvan Rocha chamou à atenção a responsabilidade do Senado e criticou as "palavras repetidas" do presidente da República, de que as oposições são negativistas e não apresentam planos viáveis para tirar o país da crise. A seu ver, a oposição não tem a obrigação de tirar os pecados do governo e nem tem fórmulas mágicas para salvar o país. "E repelimos, com veemência, o epíteto do negativismo porque a ninguém é devido dizer que não almejamos o melhor para o nosso país."

Rocha estabeleceu uma comparação entre o governo e o Congresso, para dizer que o Executivo é um poder solitário, "de um homem só na falibilidade humana", enquanto o Legislativo "é um poder coletivo, de pensamento misto e realmente representativo". Completou o pensamento, observando: "Enquanto o po-

der pessoal do Executivo esmagado, porque cega e cega porque enganado, o Legislativo, por ser comunitário, por representar vontade muito mais do que só determinação, aproxima-se fielmente da sua representatividade mais direta."

Ao declarar que a disposição oposicionista é a de dialogar o líder do PMDB, Paulo Brossard que falou durante quase duas horas, afirmou que a nação "está pedindo um governo que a conduza à paz social, sem cauísmos e atropelos de decisões tomadas por grupos governamentais". Esse objetivo, no seu entender, não será jamais alcançado sem uma democracia plena, pois "a crise porque passa o país só poderá ter um combate sério após as instituições assumirem a sua cota de sacrifício".

Para isso, no entanto, ainda segundo Brossard, é necessário o estabelecimento pleno da confiança mútua entre os Poderes, entendendo que o Senado deve deixar de ser apenas um órgão homologador de decisões para dar um passo à frente e se colocar no seu devido lugar."

No seu discurso, o senador gaúcho alinhou diversas queixas contra atitudes da maioria, observando que o PDS "está deixando vazio o lugar que, naturalmente, seria seu". Nessas críticas, Brossard começou por citar a posição do PDS no episódio que resultou na dissolução da CPI nuclear para, em seguida, passar a um exame do projeto das prerrogativas do Congresso, em que a maioria, no seu entender, "apesar de autografar em massa a iniciativa, deixou que o Congresso oferecesse ao país um espetáculo melancólico". As outras críticas referiram-se à escolha do senador Pedro Pedrossjan para o governo de Mato Grosso do Sul, a votação da Lei dos Estrangeiros e a nova lei salarial.

◆ É verdade. O Poder Legislativo foi virtualmente massacrado pelo domínio que sofreu do Executivo, graças ao espírito de subserviência da bancada do PDS, cujos parlamentares acabaram por levar o povo a se interessar ainda menos pelas atividades do Congresso.